

**O VIDIGAL NO CONTEXTO DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS
CONTEMPORÂNEAS
UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR ENTRE GEOGRAFIA E ARTES**

**VIDIGAL IN THE CONTEXT OF CONTEMPORARY SOCIO-SPATIAL
TRANSFORMATIONS
AN INTERDISCIPLINARY EXPERIENCE BETWEEN GEOGRAPHY AND ARTS**

 **Renato Garcia F. S. Pinto**

Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – Faculdade de Formação de Professores – FFP
Rio de Janeiro – RJ - Brasil
renatogarciafsp@gmail.com

Resumo: O artigo relata uma experiência de ensino e aprendizagem de Geografia desenvolvida com as turmas do 8º ano do Ensino Fundamental, durante a Mostra Anual de Atividades promovida pelo Colégio Stella Maris, instituição confessional da rede privada situada na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro. Pautado pelo referencial da BNCC na disciplina de Geografia, em conjunto com os princípios norteadores da escola, o trabalho busca, juntamente com os alunos, reproduzir a tela “Operários” de Tarsila do Amaral de acordo com os contextos socioespaciais e percepções do cotidiano dos mesmos, tendo como plano de fundo, as relações neocapitalistas contemporâneas, que impactam diretamente na estrutura da favela e na sua dinâmica interna, principalmente no aspecto da vida cotidiana.

Palavras-chave: Arte. Ensino de Geografia. BNCC. Produção do Espaço. Neocapitalismo.

Abstract: The article reports a Geography teaching and learning experience developed with the 8th grade classes during the Annual Activities Show promoted by Colegio Stella Maris, a confessional institution of the private network located in the Vidigal favela in Rio de Janeiro. Guided by the BNCC framework in the discipline of Geography, together with the guiding principles of the school, the work seeks, together with the students, to reproduce the "Operários" screen of Tarsila do Amaral according to the socio-spatial contexts and daily perceptions. of them, against the background of contemporary neocapitalist relations, which have a direct impact on the structure of the favela and its internal dynamics, especially on the aspect of daily life.

Key-words: Art. Geography Teaching. BNCC. Space Production. Neocapitalism.

1 Introdução

A Geografia, ao longo de todo século XX procurou se estabelecer como ciência através da busca de um conceito que a definisse, fugindo do que Santos (2004) chamava de “apego às velhas ideias e formas, associadas a metodologias e conceitos ultrapassados” que segundo ele, “não continham em seu estabelecimento, o conteúdo social e natural de forma dialética”. Esse apego, de acordo com Santos (2004), esvaziava a discussão, estagnando a ciência e a incapacitando de cumprir seu propósito de compreender as relações entre homem e natureza em seu caráter dialético. O espaço geográfico, alçado a categoria chave da ciência geográfica se estabelece no processo de busca em curso, sendo potencializado pelo contexto histórico que Haesbaert (2014) chama de “virada espacial”, onde segundo ele, somada a compreensão histórico/temporal do mundo, surge uma busca por perspectivas teóricas que priorizassem uma leitura espacial dos processos. Essa leitura, potencializada pelo conceito de espaço têm como catalisadores a urbanização e a globalização, que se difundiam e conseqüentemente, mudavam a sociedade e seu espaço.

É nesse propósito de fuga de velhas ideias e formas, mediados pela busca de uma experiência interdisciplinar entre o ensino de geografia e artes que propomos tal experiência, estabelecida na busca por uma compreensão do mundo a partir das relações sociais capitalistas que o formam, tendo como base a capacidade de análise geográfica do conceito de espaço, principalmente em relação às transformações urbanas da favela. Essa proposta de compreensão do espaço feita de maneira multidisciplinar está embasada na própria capacidade do conceito utilizado, tendo como base os preceitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Geografia no 8º ano, o projeto político pedagógico da instituição e a possibilidade de análise simbólica dos conteúdos através de obras de arte.

2 Do teórico ao prático

A proposta de experiência de ensino e aprendizagem de caráter multidisciplinar entre Geografia e Artes se estabelece inicialmente com intuito de que as aulas sejam mais dinâmicas, interessantes e prazerosas, fugindo do tradicionalismo de aulas expositivas, sem perder seu propósito principal, de incentivar o aluno a observar com um olhar geográfico, as diferentes paisagens que constituem o mundo, principalmente daquelas que o circundam.

A interdisciplinaridade sugerida pelo trabalho está pautada na atual proposta da BNCC, que permite ao professor e a escola, “decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem” (BRASIL, 2017, p.12). A interdisciplinaridade nesse sentido possibilita ainda, e tem como objetivo, assim como afirma Gadotti (1999), garantir a construção do conhecimento global, rompendo com as fronteiras aparentemente intransponíveis das disciplinas.

A escolha da arte como ferramenta para atingir os propósitos de compreensão do espaço geográfico busca ainda dar aos alunos a noção de que é a capacidade de produzir arte e de compreender informações simbólicas que tornam o homem único. A utilização dessa capacidade única, associada às artes se dá de acordo com o que afirma Souza (2017), onde através do resgate do valor estético embutido no imaginário das pessoas, por meio do simbolismo, a capacidade intelectual é ampliada e dinamizada. Essa, ao ser utilizada com o propósito de compreender de forma geográfica o mundo, aproxima ainda mais o homem ao meio, através das relações que os fazem. Essa utilização das artes como conhecimentos complementares, como recursos “didáticos na disciplina de Geografia, auxiliam para uma melhor contextualização dos conceitos geográficos. Pois os alunos podem reconhecer, compreender, aplicar, identificar, analisar e avaliar [...] conceitos básicos, se eles fazem parte das suas realidades” (SILVA, 2009, p. 02).

A utilização da arte como recurso interdisciplinar no nosso trabalho não se deu apenas na questão de análise, pois nossa proposta visava também dar aos alunos a possibilidade de exercê-la, ampliando a sua capacidade de compreender conteúdos através da produção dos mesmos. A arte nesse sentido, feita de forma embasada e criativa, relacionado à existência de seus produtores no espaço, amplia a possibilidade de entendimento da realidade em relação ao espaço, principalmente naquele que Lefebvre (2008) chama de vivido.

Antes de adentrarmos na experiência multidisciplinar em si, é necessário, entretanto explicitar as orientações pedagógicas e os contextos que permitiram o trabalho, assim como os conceitos e os objetivos do mesmo. Para tal, é preciso inicialmente compreender as orientações da BNCC para o 8º ano, para que a relação interdisciplinar em questão se evidencie no conteúdo e na proposta.

A BNCC, implementada no ano de 2018 pelo Governo Federal, coloca em curso o que fora previsto no artigo nove da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) de 1996, dando ao Governo Federal, a incumbência de estabelecer, juntamente com os Estados, Municípios e Distrito Federal, as competências e diretrizes que nortearão os currículos escolares e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum, da educação do infantil ao ensino médio. Esse documento, dividido dentro dos componentes curriculares, anos e unidades temáticas estabelece também seus objetos de conhecimento e suas respectivas habilidades.

No componente curricular de Geografia, especificamente para os 8º anos, alguns desses objetos abarcam temas relacionados às transformações socioespaciais e a relação do sujeito com o lugar, tendo como os objetos inseridos nessas temáticas, a diversidade e dinâmica da população mundial e local, assim como, às transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina. Tais objetos de conhecimento buscam desenvolver habilidades específicas, que dentro do contexto dos estudos demográficos estão pautados pela compreensão dos fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial. Além disso, se busca também analisar os aspectos representativos da dinâmica demográfica considerando as características da população, seus movimentos e suas dinâmicas. As habilidades previstas para a temática de transformações do espaço buscam analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho. Além dessa, se busca ainda, compreender a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos. Tais temáticas, objetos e habilidades, segundo a BNCC, servem como referências norteadoras às instituições de ensino, podendo ser trabalhadas de amplas formas, de acordo com as equipes diretivas e os contextos socioespaciais na qual se inserem.

A nossa proposta de trabalho, visando um aprofundamento teórico e uma maior participação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, além de composta por aulas expositivas e avaliações referentes aos conteúdos ao longo de todo o primeiro semestre de 2018, necessitava também de uma inserção dos conteúdos no contexto socioespacial do Vidigal, para que o mesmo fosse transformado em um conteúdo específico pelos alunos. Essa possibilidade de conexão entre o conteúdo, a realidade socioespacial e a produção artística, se estabeleceu na Mostra Anual de Atividades, promovida pelo Colégio Stella Maris, uma instituição que se estabelece desde 2001 como um Centro Popular de Educação e de Assistência Social, mantida pela Congregação das Filhas de Jesus (FI). Tal instituição, formada por 935 crianças e adolescentes moradores, em sua grande maioria, das favelas do Vidigal e da Chácara do Céu, segundo seu próprio princípio norteador, visa e tem como missão, “priorizar os conteúdos que estejam relacionados aos problemas contemporâneos, com o objetivo de desenvolver as habilidades dos alunos, e que ajudem a compreender a realidade de forma crítica, criativa e dinâmica” evidenciando especialmente a contextualização socioespacial local.

Essa atenção especial aos dilemas e demandas contemporâneos da comunidade escolar se estabelece cotidianamente na relação entre escola, alunos e meio, possibilitando que a comunidade acadêmica perceba e vivencie diariamente as múltiplas dimensões do educar no contexto específico dessa favela carioca, dando autonomia para que esses membros, principalmente os professores, dotados da capacidade de compreensão do meio, proporcionem uma prática educacional preocupada em promover, em toda e qualquer situação, as múltiplas qualidades dos alunos. A conexão entre o conteúdo trabalhado em sala a vivência do aluno e a proposta de recriação da tela de Tarsila do Amaral se estabelece através do que Freire (2013) chama de seus “saberes socialmente construídos”, pautados no respeito e na potencialização da “assunção da identidade dos educandos”, buscando o estabelecimento de uma prática educativa evidentemente progressista e realmente libertadora (Freire, 2014).

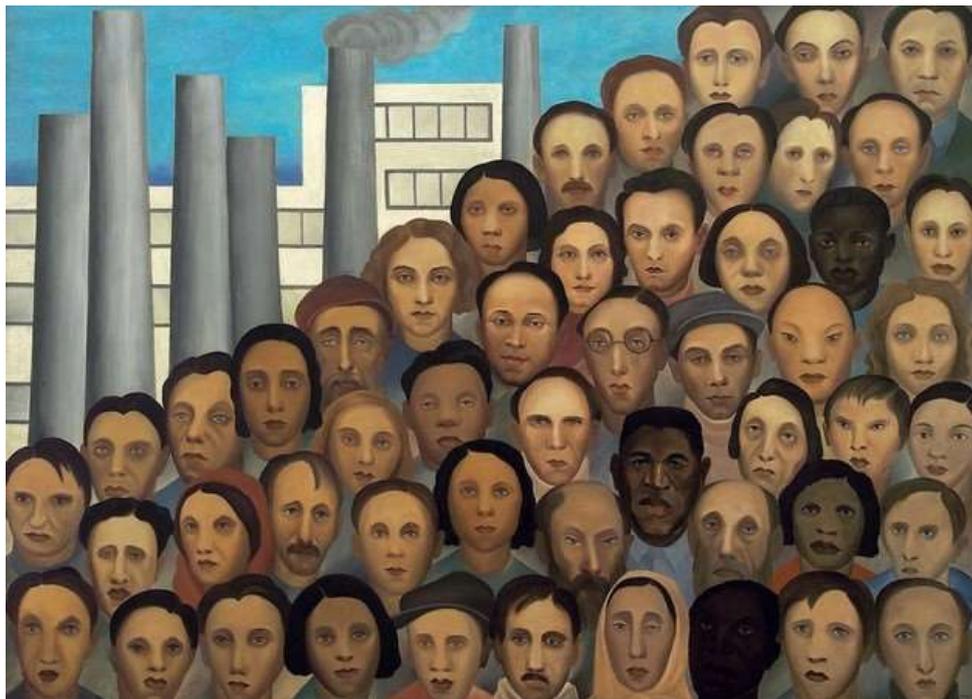
É nesse sentido de compreensão da realidade orientada pelas referências norteadoras da BNCC, pela missão da instituição que, unidos às reflexões da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e dos diferentes movimentos sociais civis brasileiros para a Campanha da Fraternidade 2018 (CF18) que a Equipe Diretiva propôs que a 5ª Edição da Mostra Anual de Atividades tivesse como tema geral, a “Superação da Violência”, sendo esta subdividida em seus mais diferentes aspectos. A escolha desse tema e sua ampla gama de aspectos deu aos professores e alunos a possibilidade de transitar sobre as mais diversas abordagens, e coube especificamente aos 8º anos, trabalhar com a perspectiva de violência e raça.

Dentro desse contexto e pautado nas abordagens clássicas sobre o tema decidimos, juntamente com a sala, fazer uma abordagem diferenciada, tendo o conteúdo de raça como plano de fundo para uma abordagem sobre as transformações socioespaciais na favela, onde a violência associada à raça apareceria inserida no contexto de uma violência de caráter econômico, pautada na negação do direito à cidade (Lefebvre, 2001), compreendido como um direito humano e coletivo estabelecido pela participação do processo de produção do urbano, que o mesmo tempo que faz as cidades, faz também a nós mesmos. Essa proposta pelo trabalho entre raça, violência e produção do espaço urbano se pauta inicialmente a partir do texto “*Do Quilombo à Favela*” onde Campos (2005) faz uma relação entre raça e produção do espaço, para que possamos compreender posteriormente como essa violência, com ampla base racial é estabelecida no atual estágio do capitalismo competitivo neoliberal, colocando classes sociais em conflito pelo espaço, ampliando dessa forma, a discussão dialética entre os temas sociais, raciais e econômicos.

O trabalho, tendo como base os objetos e habilidades previstos, somados a escolha do tema da violência e ao contexto socioespacial do Vidigal foi pensado de maneira que os conteúdos abordados em sala ao longo do semestre aparecessem conectados ao tema da mostra de forma visual e rápida para os visitantes, possibilitando uma compreensão, embasada pela simbologia artística, das transformações socioespaciais da favela, compreendendo-as como uma espécie de violência, tanto racial quanto econômica, promovida pelo atual forma de reestruturação urbana capitalista, que tem impacto direto na estrutura, população e dinâmica do Vidigal.

É a partir da tentativa de dar ao conteúdo uma representação visual pautada na interdisciplinaridade que escolhemos à tela “Operários” de Tarsila do Amaral como inspiração, pois assim como está sugerido pela BNCC, a mesma possibilita a análise geográfica do espaço, tendo como principais aspectos, a composição social da população paulista, inserida em um contexto socioespacial em transformação, caracterizado pela fase capitalista da industrialização.

Figura 1: Operários. Tarsila do Amaral, 1933.



Fonte: Google

A tela de Tarsila do Amaral representa e está inserida em um contexto de intensas transformações sociais e espaciais com base nas mudanças do capitalismo. Essas transformações, associadas ao grande crescimento industrial da cidade de São Paulo, assim como do Rio de Janeiro, potencializaram o êxodo rural, criando uma nova composição demográfica nas grandes cidades, vista na tela, principalmente pela diversidade étnica. Tal momento histórico, abordado em sala de aula a partir da temática proposta pela BNCC, demonstra ainda, como plano de fundo, uma mudança estrutural na cidade, caracterizada pela verticalização, vistas através pelas chaminés, demonstrando o caráter industrial e moderno da cidade, que nesse contexto, assumiam gradativamente as rédeas da economia nacional.

A utilização dessa tela nos permite uma ampla gama de análises contextualizadas a tais mudanças, associados à realidade local e embasados nos conteúdos abordados em sala, pois a partir dela podemos abordar criticamente as temáticas associadas ao rápido crescimento da cidade, que causaram a segregação urbana nas grandes metrópoles, também chamada de segregação socioespacial. Esse processo de segregação precisa ser diferenciado quanto à realidade local, já que em certas cidades, ele dá origem à periferação ou marginalização de determinadas pessoas ou grupos sociais por fatores econômicos, culturais, históricos e até raciais no espaço das cidades, e no Rio de Janeiro, devido a sua geografia e seu processo de produção espacial, potencializa o surgimento e adensamento das favelas.

Em seu livro *“Evolução Urbana do Rio de Janeiro”* (2013). Maurício de A. Abreu ressalta que o Rio de Janeiro, ao contrário de muitas outras cidades no mundo, tem um modelo de construção urbana muito peculiar. Segundo ele, o processo de produção espacial aqui, feito através da associação entre setores públicos e privados, tem como produto um espaço de heterogeneidades, onde as classes mais abastadas buscam os centros com alta densidade de serviços e bens urbanos, enquanto as classes pobres se situam à periferia e nas áreas não ocupadas dos bairros mais ricos, formando um espaço de contrastes e desigualdades, visíveis e latentes. Essa peculiaridade se evidencia no espaço urbano do Rio de Janeiro como um todo, sendo inicialmente mais evidentes geograficamente e socioeconomicamente nas proximidades das áreas centrais e na região onde se insere o Vidigal, que se estabelece como um espaço de contraste entre áreas e grupos mais abastados ao seu redor.

A análise socioespacial da tela de Tarsila do Amaral e a proposta de sua “recriação” em um contexto socioespacial diferente estão explicadas na possibilidade de análise temporal e espacial que Carlos (1992) aborda, pois de acordo com ela, em cada época a relação entre espaço e sociedade é distinta, isso quer dizer que, ao mesmo tempo em que através do processo produtivo, a sociedade produz sua existência, ela produz também o espaço, ou seja, o espaço é o produto num dado momento do estado da sociedade, um produto histórico resultado da atividade de uma série de gerações, que através do seu trabalho acumulado tem agido sobre ele, modificando e transformando o mesmo na realidade que observamos hoje.

A utilização dessa tela serve ainda para compreendermos as mudanças históricas relacionadas ao capitalismo e sua produção do espaço, que segundo Harvey (2005), inicialmente se orienta pela industrialização e suas tendências de concentração/aglomeração, sendo seguida pela posterior descentralização e ressignificação de caráter neoliberal na qual se insere o contexto atual.

A peculiaridade da produção urbana carioca, citada por Abreu (2013), relacionada ao surgimento das favelas e a tela escolhida como base da experiência estão conectadas temporalmente pelo processo de industrialização, que como já citado, se caracterizam no movimento concentração de capital investido.

A produção do espaço urbano e suas conseqüentes transformações estão associadas à necessidade de realização de lucro do capital, que segundo Harvey (2016), se caracteriza através da diminuição do tempo de giro do capital, que por sua vez, é igual ao tempo de produção mais o tempo de circulação, sendo a diminuição desse tempo, a chave primordial para o sucesso e sobrevivência do capitalismo. Esse processo, denominado de aglomeração de capital fixo, a industrialização, é segundo Harvey (2016), o principal motor da sociedade, pois esse, ao buscar superar as barreiras físicas com fundamento principal na economia de tempo e dinheiro, acaba por dar início a novos processos sociais.

Esse processo de diminuição do tempo de giro é responsável direto pelo crescimento das cidades, que cada vez mais densas e populosas, dão início a um novo processo de valorização do espaço, que gradativamente deixa de ser somente visto em sua concepção absoluta, ganhando valor e sendo objeto de disputa econômica, que como já citado, vai dar origem a competição gerando as heterogeneidades.

O Vidigal e diversas outras favelas da cidade do Rio de Janeiro surgem nesse contexto de crescimento populacional das cidades e de expansão de suas malhas urbanas, principalmente nas áreas inabitadas e não ocupadas pelo poder público ou econômico, sendo geralmente próximas aos centros industriais e comerciais devido à possibilidade de empregos e também pela histórica dificuldade de locomoção característica dos grandes centros urbanos.

A industrialização como já citada e demonstrada pela tela, influenciam diretamente na dinâmica populacional das cidades, pois essas passam a incentivar o êxodo rural, recebendo grandes quantidades de novos trabalhadores, que oriundos de outras regiões e geralmente sem condições financeiras, são também os responsáveis pelo grande crescimento das mesmas, inclusive das favelas.

Essa relação entre industrialização, compreendida através de sua perspectiva econômica, dinâmica populacional, crescimento urbano e a "favelização", possibilitam ao aluno compreender a história do Vidigal a partir de uma análise dialética, que insere a origem da favela em processos de múltiplas percepções e escalas vistos e analisados conceitualmente nas aulas e visualmente na tela.

Tendo como base a relação entre a produção espacial e a industrialização e suas conseqüências, estabelecemos como proposta de experiência a reprodução da tela sob outra perspectiva espacial, no Vidigal, mas também sob outra perspectiva temporal, não sendo caracteriza, portanto pelo surgimento do Vidigal associado a contexto do capitalismo industrial e sim pela sua dinâmica atual. Para isso precisamos compreender os processos capitalistas contemporâneos que incidem na produção do espaço urbano no contexto espacial da favela, relacionando o capitalismo, o espaço e a população.

O intenso crescimento urbano da cidade do Rio de Janeiro entre início do processo de industrialização e o presente momento deu ao espaço uma nova conotação, já que esse, cada vez mais denso, vai ganhando cada vez mais importância no processo de produção econômica em si, se tornando um meio pelo qual ela se dá. Esse espaço visto pelo capitalismo ao longo da evolução do sistema como meio de acumulação passa a se tornar, principalmente no espaço urbano, um meio de acumulação, e a urbanização e a gestão desse espaço passam a ser uma das principais formas de realização econômica do sistema.

Esse processo de transformação do espaço em ativo econômico, no contexto do Rio de Janeiro e mais propriamente das favelas, que desde seu surgimento, estão historicamente associadas à marginalidade, tanto no sentido social quanto econômico, se insere no contexto de transformações capitalistas chamados por Harvey (2016) de neocapitalismo, caracterizado por um intenso processo de global de reestruturação do espaço urbano.

A inserção da cidade do Rio de Janeiro e das favelas nesse contexto neoliberal traz para o processo de produção do espaço urbano, por meio das diversas intervenções urbanísticas, algumas características e tendências comerciais, que segundo Maricato (2015), são orientadas pelos interesses do mercado imobiliário, que por meio da valorização do espaço, orienta a ação do Estado, através de gestões e iniciativas público-privadas, estabelecendo uma metodologia de reprodução. Essa metodologia segundo Harvey (1996) é mediada por uma construção lógica e disciplinar, que através de investimentos financeiros no espaço urbano, busca reproduzir o capital. Segundo ele (2014), essa lógica se refere ao “comportamento na governança urbana, que mistura os poderes públicos (locais, metropolitanos, regionais, nacionais ou supranacionais) com um grande número de formas organizacionais da sociedade civil (câmaras de comércio, sindicatos, igrejas, instituições educacionais e de pesquisa, organizações comunitárias, ONGs etc.) e interesses privados (corporativos ou individuais) para formar coalizões capazes de promover ou administrar o desenvolvimento urbano ou regional de um tipo ou de outro”.

Esse processo de reestruturação espacial das favelas do Rio de Janeiro está pautado pela somatória de diversos fatores, como o crescimento do capital político associado aos movimentos associativos, ampliados pela redemocratização e a gradativa eleição de lideranças de origem e discurso mais popular. Além do fator político, se soma também a situação de lento crescimento e estagnação econômica, que como afirma Leitão (2009) ampliou o crescimento populacional das mesmas, que ao se transformarem em grandes mercados e contingentes de população, entram no radar do capital e sua busca do por novas formas de obtenção de lucro. Todos esses fatores, combinados ao no fim do século XX culminaram nas ações do Estado, que através de intervenções urbanísticas estruturais, pautadas principalmente pela urbanização de favelas, associados posteriormente à políticas de segurança, como as unidades de polícia pacificadora (UPP), transformam toda a dinâmica da favela, dando início a um processo de entrada de capitais públicos e privados em massa, que ao reestruturarem os espaços, reestruturam também a suas relações constituintes e as vidas ali inseridas.

Essa conjuntura econômica, política e social foi responsável pela gradativa inserção da favela no processo de reestruturação do espaço urbano, pautado por orientações econômicas internacionais tendo o Estado como mediador traz a tona uma ampla gama de novos agentes, potencializados pela chegada de capital investido, que vão desde as grandes instituições privadas, aos pequenos agentes internos entre outros. Esse processo dá a favela, especialmente a aquelas com amplo potencial econômico, uma nova dinâmica, que como veremos, através da reprodução proposta, traz a tona novas realidades sociais e econômicas.

3 As transformações socioespaciais no Vidigal evidenciadas pelos olhos de seus moradores

O Vidigal, devido aos processos citados somados ao amplo potencial turístico local vem, ao longo dos últimos anos, passando por uma série de transformações estruturais, econômicas e sociais, que impactam diretamente no cotidiano e na percepção de seus moradores sobre esse espaço em transformação. Essas mudanças se caracterizam por uma somatória de processos, que ao longo de todo desenvolvimento da cidade e da favela vão ganhando novos agentes e escalas, e que hoje em dia, graças ao modelo neocapitalista, ultrapassam os limites regionais e nacionais, tendo até mesmo interferência externa. Esse novo modelo, pautado pela acumulação via reestruturação urbana fez da favela um novo ativo econômico, a transformando em vitrine da transformação e reestruturação da cidade, tendo no caso específico do Vidigal, um processo é ainda mais emblemático, devido a sua localização privilegiada, com vista para o mar e próxima aos complexos turísticos e econômicos da cidade.

Esse processo de transformação iniciado pelas intervenções urbanísticas e ampliado pela entrada de novos agentes privados evidenciam essa crescente mercantilização do espaço do Vidigal, aumentando de seu valor do m², sua inserção no mercado turístico e suas intensas transformações internas o coloca como um espaço de encontro entre classes.

Tabela 1 – Valorização Imobiliária do Leblon e Vidigal (2008-2015)

Mês de referência	Leblon		Vidigal	
	Valor do m ² (R\$)	Valorização em relação a 2008 (%)	Valor do m ² (R\$)	Valorização em relação a 2008 (%)
Set / 2008	11.252,49	xx	2.372,74	xx
Set / 2009	12.408,30	10,27	3.161,63	33,25
Set / 2010	14.982,28	33,15	7.050,49	197,15
Set / 2011	16.310,29	44,95	6.317,33	166,25
Set / 2012	15.997,13	42,17	8.870,68	273,86
Set / 2013	15.322,74	36,17	9.318,15	292,72
Set / 2014	13.973,17	24,18	9.991,72	321,10
Set / 2015	13.386,00	18,96	8.757,00	269,07

Fonte: apud Lacerda (2016 pág.123)

Essa nova conjuntura, da mesma forma que dinamiza e gera benefícios e desenvolvimento para o Vidigal, traz à baila novas relações, que expõem os mais vulneráveis, além de adensar e trazer a tona problemas estruturais da favela, sendo responsável por modificar certas relações constituintes, aumentando a competição interna, que somada aos processos já descritos, também é responsável direta pela intensa gentrificação que ocorre na favela, que tem composição social e racial, principalmente nas áreas mais altas e valorizadas, pela vista e pelos novos empreendimentos.

Esse processo de produção do espaço urbano do Vidigal, inserido no contexto das aulas de Geografia a partir da análise do capitalismo e seu processo de produção do espaço, ao ser relacionado à realidade socioespacial do lugar em questão, associado ao seu histórico de desenvolvimento e sua dinâmica demográfica, expõem novas conjunturas, que dão origem a novos espaços, e são evidenciados principalmente pela percepção de seus próprios produtores. Tal concepção potencializa a formação de um sujeito crítico, que baseado na teoria e no desenvolvimento histórico do espaço em que se insere, compreende as relações que o formam e luta pela transformação das mesmas.

Essa experiência de ensino e aprendizagem, pautada nos autores e conceitos acadêmicos adaptados a faixa etária e ao público em questão, buscou compreender as relações que transformam o espaço, e principalmente as novas relações que transformam a favela traz a tona também questionamentos em relação ao novo papel do Estado, que nesse modelo se transforma em um agente avalista dos interesses do capital, criando um processo conceitualizado por Álvaro Ferreira (2011) em *“A cidade no século XXI”*, onde essa segundo ele, essa abertura da favela as classes mais abastadas não ocorre da mesma forma no sentido contrário, portanto os territórios e nesse caso o Vidigal funcionam como uma contenção/ barragem, onde o morador é aprisionado e tem sua liberdade e direito à cidade reprimido, enquanto seu espaço é constantemente “invadido” e tomado por agentes externos, o que ocasiona embates relacionados a esse processo de produção.

Esse conceito nos evidencia e possibilita aos alunos/agentes da atual dinâmica do Vidigal, a compreensão de que em muitas vezes, a favela é mais atrativa aos que vem de fora do que para os moradores, o que intensifica o processo em curso. Esse aprisionamento e esse direito à cidade como mostramos são cada vez mais discutidos no Vidigal, e é nesse sentido que buscamos inseri-lo no conteúdo, para que assim como fizeram em 1978, resistindo à tentativa de remoção por parte do Estado, os alunos e moradores, organizados de forma associativa busquem compreender e exercer tal direito, pautado por Harvey (2015) como sendo muito mais que a liberdade individual para acessar os recursos urbanos, sendo o direito de mudar a si mesmos por mudar a cidade, um direito coletivo e humano, que depende do exercício do poder coletivo, dando forma ao processo de urbanização, que faz e refaz nossas cidades e a nós mesmos.

A elaboração do trabalho “final” dessa experiência interdisciplinar visou colocar os conceitos abordados em sala e as observações empíricas e cotidianas dos alunos em tela, reproduzindo a obra de Tarsila do Amaral para que pudéssemos tecer análises comparativas com a tela original e seu contexto social e econômico, assim como sobre a reprodução em si. O respeito à estética da tela original se pautava principalmente, na tentativa de fácil observação e comparação por parte dos visitantes da Mostra, facilitando a proposta de compreender o espaço e seus componentes mesmo em diferentes contextos.

Figura 2: A segregação socioespacial e racial no Vidigal, uma releitura da tela “Operários” de Tarsila do Amaral. Oitavo Ano, Colégio Stella Maris, 2018



A obra, nomeada de “*A segregação socioespacial e racial no Vidigal, uma releitura da tela “Operários” de Tarsila do Amaral*” nos apresenta diversas possibilidades de compreensão acerca da atual dinâmica da favela, tendo inicialmente o componente comercial, pautado pelas aulas expositivas e pelo texto, através do conceito e momento neoliberal da reestruturação urbana, que através de intervenções do Estado, potencializa o crescimento do mercado interno na favela. Esse crescimento do mercado interno visto na reprodução através dos empreendimentos privados está diretamente associado ao contexto abordado, pois, a partir dos investimentos do Estado de dos grandes grupos econômicos, houve um grande aumento do número de moradores que começaram a empreender, buscando captar esse dinheiro que começava a circular para si mesmo. Essa realidade amplia o crescimento urbano da favela através da verticalização já que os cômodos térreos viram empreendimentos.

Esse crescimento econômico da favela, mediado pela entrada de novos contingentes de capital externo, como já citado, gera uma competição interna, que associada à capacidade econômica dos agentes, também tem componentes raciais. Essa associação pode ser vista na reprodução através da distribuição racial da favela, que historicamente associada a negros e imigrantes, tem hoje recebido grandes quantidades do que Leitão (2009) chama de classe média empobrecida, que devido ao maior poder aquisitivo, ocupa as áreas mais valorizadas da favela, o que fica evidente na tela. Essa competição pelo espaço, caracterizada pela

gentrificação e apresenta como uma nova dinâmica da favela, que se apresenta como violência de caráter econômico, mas que está repleta de componentes raciais.

4 Considerações Finais

Neste artigo relatamos a preparação conceitual, o planejamento e a produção do trabalho realizado por uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental para a 5ª Edição da Mostra Anual de Atividades promovida pelo Colégio Stella Maris, situado na favela carioca do Vidigal. Constatamos, primeiramente, que a busca pela interdisciplinaridade possibilita a diminuição da dificuldade e conseqüentemente o aumento do interesse em se compreender os conceitos geográficos, principalmente os que se associam as estruturas e o cotidiano dos alunos.

A partir dessa observação sobre a importância da interdisciplinaridade, juntamente com a proposta da BNCC, da CNBB e da Instituição em trabalhar com a temática da violência, decidimos aprofundar as temáticas trabalhadas em sala de aula a fim de conectar tais temas ao cotidiano socioespacial dos alunos, evidenciando suas transformações, as embasando como uma espécie de violência, elencando suas diversas faces.

O processo de produção e o resultado da atividade indicaram ainda que, a interdisciplinaridade entre Geografia e Artes possibilita, tanto aos educadores quanto aos alunos e visitantes, ampliar a compreensão das transformações do espaço sem que essas percam conteúdo, pois através da utilização de recursos visuais, como arte, fotos, e etc., assim como o uso de músicas, vídeos e dinâmicas, o processo de ensino e aprendizagem ganha uma liberdade criativa, que tem a capacidade de tirar o aluno do espaço comum, dotando-o de novas capacidades de compreensão do mundo, o que intensifica e amplia a sua formação como cidadão crítico.

Referências

- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Curricular Comum*: documento preliminar. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília, 2017.
- CAMPOS, Andreilino. *Do Quilombo à Favela: a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. Editora Contexto. São Paulo. 1992.
- FERREIRA, Álvaro. *A cidade no século XXI*. Segregação e banalização do espaço. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. 45ª ed.- Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 58ª ed.- Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2014.
- GADOTTI, Moacir. *Interdisciplinaridade: atitude e método*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1999.

HAESBAERT, Rogério. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. David Harvey – São Paulo, Annablume, 2005.

HARVEY, David. *As 17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo, Boitempo, 2016.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2014

HARVEY, David. *Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio*. In: Espaço & Debates, São Paulo, n.39, p.48-64, 1996.

LACERDA, Larissa Gdynia. *Conflitos e disputas pela mercantilização de territórios populares: o caso da favela do Vidigal*, Rio de Janeiro / Larissa Gdynia Lacerda. -- Rio de Janeiro, 2016

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e Política*. Tradução Margarida Maria de Andrade e Sergio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Henri Lefebvre; Tradução Rubens Eduardo Frias São Paulo: Centauro, 2001.

LEITÃO, Gerônimo. *Reconhecendo a diversidade das favelas cariocas*. p.36-45 In: O que é favela, afinal? Organizador: Jailson de Souza e Silva. – Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

MARICATO, Erminia. *Para Entender a Crise Urbana*. 1. Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2015.

MARQUEZ, Renata Moreira. *Arte e Geografia*. In: Imagens Marginais. p. 11-22. FREIRE-MEDEIROS, Bianca e COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da (Org.). Natal: EdUFRN, 2006.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da crítica a Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2004

SILVA, Adriana Severiano Reis. *A utilização de obras de Arte no ensino de Geografia*. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia – ENPEG. Porto Alegre, 2009.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. *Artes, Geografia e Educação*. In: Territorial Caderno Eletrônico de Textos, vol. 7, nº. 9. 15 de setembro de 2017.

Recebido em: 10 set. 2019 / Aprovado em: 18 nov. 2019

Para referenciar este texto

PINTO, Renato Garcia F. S. O Vidigal no contexto das transformações socioespaciais contemporâneas. Uma experiência interdisciplinar entre geografia e artes. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 191-204, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/cpg.v18n2.14878>>.